



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Discurso na cerimônia de entrega de condecorações da Ordem Nacional do Mérito Científico, de lançamento do Livro branco da ciência, tecnologia e inovação e de assinatura da mensagem de encaminhamento ao Congresso do projeto de lei da inovação

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 15 DE AGOSTO DE 2002

Senhor Embaixador Ronaldo Mota Sardenberg, Ministro da Ciência e Tecnologia; Senhores que fazem parte deste Comitê, todos já agraciados, os mais eminentes e antigos desta ordem, que nos ajudam aqui; Senhores Parlamentares presentes; Senhores Agraciados com a Ordem Nacional do Mérito Científico; Senhoras e Senhores,

Serei muito breve, porque eu pedi, agora mesmo, ao Chefe do Cerimonial, Embaixador Frederico, que queria ter o prazer, contrariando os hábitos, de aqui apertar a mão dos senhores. Então, serei breve para que possa ter a oportunidade de, pelo menos, trocar um olhar, uma palavra e dar-lhes um abraço.

E faço isso, porque acho que esta ordem tem, para mim, como deve ter para todos os senhores, um significado muito especial. Há, no Brasil, várias ordens. Eu, como Presidente da República – não me lembro o nome exato –, acho que sou Grão-Mestre de todas as ordens.

Mas esta me é muito cara, porque é uma ordem de uma comunidade com a qual sempre tive uma ligação muito estreita, da qual fui membro

e espero que, em poucos meses mais, possa voltar a ser membro, se não permanentemente, mas ocasionalmente.

Eu queria, portanto, agradecer a presença, aqui, e agradecer, em nome do Governo e do povo brasileiro, o que têm feito pelo desenvolvimento científico.

Eu sei que, às vezes, é um pouco incômodo receber certo tipo de homenagem que requer um ritual. Ao chegar aqui, aliás, ao ver o Embaixador Sardenberg, que foi à minha sala, com essa faixa – eu, por sorte, pelo protocolo, só uso isto aqui, mas, às vezes, somos obrigados a nos paramentar –, ao ver o Embaixador Sardenberg paramentado e sabendo que, às vezes, as pessoas não se sentem muito à vontade, andando com essas medalhas, me recordei de que, uma vez, na Inglaterra, recebi uma ordem chamada “do Banho”, Order of the Bath e perguntei à Rainha o porquê daquilo. Ela não soube me explicar se era por causa da cidade de Bath, ou se tinha o significado de banho. Aí, achei melhor não aprofundar.

O fato é que sou Cavalheiro dessa ordem, que é exatamente igual a esta. Então, quando forem à Inglaterra, ao portarem esta ordem, vão participar da mais alta hierarquia das ordens honoríficas inglesas.

Mas me recordei de um trabalho que alguns antropólogos ou não antropólogos dados a essas leituras, aqui, devem conhecer. É de um famoso antropólogo inglês, chamado Edmond Leach. Ele se tornou Cavalheiro, Knight, pela rainha. Ele escreveu um artigo admirável chamado “Once a Knight is enough”, “Uma vez Cavalheiro, basta”.

Descreve o ritual como se ele fosse – ele é antropólogo – um ritual normal nas comunidades primitivas. De certa maneira, as sociedades todas dependem de rituais. O ritual tem uma grande importância. Eu não vou repetir aqui, até porque já li, há muitos anos, esse trabalho, mas ele descreve, com muita graça e com muita precisão, o significado desse ritual.

Pois bem, saibam os senhores que esse ritual tem, realmente, um forte significado simbólico. Quando alguém assume essas posições, quando recebe essas condecorações, por mais que possa parecer até mesmo bizarro, diante do costume republicano e, mais do que republi-

cano, da informalidade, que é característica da sociedade moderna e da brasileira, em particular, por mais que possa parecer incômodo, isso tem um grande significado simbólico.

Isso, realmente, significa que os senhores prestaram uma colaboração à nossa sociedade. E, como são homens de ciência, homens de pensamento, homens de cultura, prestaram uma colaboração, *latu sensu*, à humanidade.

De modo que é com grande alegria que, realmente, estamos aqui, hoje, podendo oferecer-lhes este modesto reconhecimento. E me apraz, também, dizer-lhes que eu não precisaria fazer discurso mais longo, porque o Embaixador Sardenberg, ao fazer o seu discurso, fez um resumo de algumas das obras que têm sido realizadas no Ministério de Ciência e Tecnologia, pelo tipo de relacionamento que está estabelecido entre o Governo, a comunidade acadêmica e o meio empresarial.

E eu quero, também, de público, reconhecer o trabalho extraordinário do Embaixador Sardenberg. Realmente, pode se dizer que ele tem tido uma atitude marcante, um comportamento decisivo, para que fosse possível reformular algumas das bases do nosso desenvolvimento científico.

O Brasil tem tradição nessa matéria. Nós temos uma tradição, eu já repeti muitas vezes, de que devemos nos orgulhar: o CNPq – e eu não me esqueci, Doutor Krieger, do fluxo contínuo, estarei atento à continuidade do fluxo necessário ainda neste ano; são palavras-código – foi criado ao mesmo tempo em que a National Scientific Foundation, dos Estados Unidos, e o Conseil National de la Recherche Cientifique, da França. No mesmo momento. Isso mostra que alguns dos nossos maiores, que antecederam aos senhores e às senhoras, tinham uma visão do avanço.

É claro que é preciso sempre estar reformulando. E nós estamos sempre reformulando. É o que houve agora na criação desses fundos especiais, com essa possibilidade – que se deve ao Congresso Nacional e que eu sancionei – da LDO, a Lei de Diretrizes Orçamentárias, que previne futuros contingenciamentos na área de ciência e tecnologia, como eu já havia feito com a educação e com a saúde. Tudo isso é necessário para que possamos avançar mais.

Creio que, de toda forma – e eu quero repetir muito o que já foi dito pelo Embaixador Sardenberg –, a verdade é que nós criamos as bases para um desenvolvimento constante, para um desenvolvimento estruturado e para um desenvolvimento aberto, ou seja, sem preconceito. A Lei de Inovação é prova disso. É a prova da busca de uma relação mais estreita entre o desenvolvimento científico e o tecnológico e a produção e o desenvolvimento do nosso setor empresarial, industrial, de serviços e de agricultura. É a necessidade de uma renovação nessa direção, assim como os fundos de desenvolvimento são a reafirmação daquele espírito inicial do CNPq, que é o de fazer com que a própria comunidade decida o destino dos recursos definidos por lei, para utilização no desenvolvimento científico e tecnológico.

O Livro Branco a que se referiu o Embaixador Sardenberg é uma prova eloqüente do quanto nós fizemos – nós, eu digo, a comunidade científica –, do esforço que o Governo fez para dar acolhida às pretensões da comunidade científica e do quanto o Brasil sabe que o desafio que temos hoje é que é fácil falar de sociedade do conhecimento e da informação, mas é difícil sentar as bases para que haja, efetivamente, uma sociedade capaz de inovar, capaz de ser criativa, num mundo competitivo e num mundo no qual nós, desde logo, saímos com enorme desvantagem e que temos que recuperar sempre tempos perdidos.

Bem, mas temos o futuro pela frente. Alguns dizem, com certa ironia, que o futuro já não é o que costumava ser, por um pouco de pessimismo. De fato, dizer que não é o que costumava ser tem a ver com o fato da nossa capacidade de antecipar o futuro. E temos uma certa capacidade de antecipar o futuro. E a ciência e a tecnologia são os instrumentos fundamentais para que possamos ver mais claro os obstáculos e as oportunidades também.

Os pessimistas, como dizia, ontem, o Doutor Antônio Ermírio de Moraes, começam errando e procuram olhar só obstáculos. Os otimistas – eu sou otimista – procuram ver na dificuldade, ainda que na dificuldade, as oportunidades. E acho que temos muitas oportunidades, como nação, como povo, como país. Mas essas oportunidades não serão vislumbradas, se não houver conhecimento, e não se transformarão, efetiva-

mente, em prática, se esse conhecimento não for capaz de criar condições concretas de desenvolvimento tecnológico, formas de comportamento, meios de participação nos benefícios gerados pela sociedade.

Não tenho dúvida alguma, quanto ao nosso país, de que, a despeito de tudo que seja turbulência – já temos tantas que já estamos acostumados, já somos pilotos de prova –, superaremos as dificuldades. E não tenho dúvida de que as condições existentes, hoje, no Brasil já asseguram que esse futuro, mesmo que não seja como o de antigamente, vai ser melhor porque temos condições para aproveitar as oportunidades que estão entreabertas para nós na ciência e na sociedade.

Acredito que, para isso, é preciso que juntemos à nossa capacidade de elaboração, ao nosso espírito de criatividade, também, um forte sentimento de justiça, portanto, um forte sentimento moral, um forte sentimento ético. Não existe mais, hoje, um pensamento político ou um pensamento de qualquer natureza, na área científica, que não deva vir embasado com o sentimento de solidariedade e com o sentimento de justiça. O nosso desafio no Brasil não é só o de conhecer. É, conhecendo, melhorar, e melhorar exatamente a vida daqueles que não têm condições de conhecer tão bem quanto os que já conhecem.

Posso ter sido criticado – e serei – por muitos erros. Na área da ciência e da educação, tomei decisões. E decidi – sei o custo da decisão, porque os meios são escassos, não dá para tudo – que haveria que fazer um grande esforço na educação de base, na educação primária e, depois, na educação secundária e profissionalizante. Isso não em detrimento da educação universitária ou da ciência e tecnologia, mas, certamente, num ritmo menor de crescimento do que o que foi possível dar aos recursos e mesmo ao tempo disponível e ao tempo utilizado para resolver os problemas. Por quê? Porque o atraso era imenso no Brasil. O descompasso era muito grande. E continua sendo, mas avançamos.

Estamos nos aproximando de poder dizer que, realmente, as crianças todas estão na escola e, portanto, estamos nos aproximando de dizer que, daqui a pouco tempo, não haverá mais analfabetismo. Isso é fundamental por causa da igualdade e é fundamental para propiciar um número maior de pessoas capazes de seguir um percurso mais vigoroso

no seu desenvolvimento pessoal e coletivo, portanto, de ter acesso às condições de produção científica e produção intelectual, de modo geral.

Não fizemos esse esforço de concentração na área básica, disse eu, em detrimento das outras. Mas houve, sim, uma diminuição no ritmo das expectativas de crescimento. Não de crescimento numérico, mas das condições de trabalho. Ao saber disso – e o Embaixador Sardenberg foi decisivo nesse processo –, nós procuramos criar as condições para recuperar, no tempo, aquilo que é necessário para um impulso mais vigoroso nas universidades e no desenvolvimento científico. Daí esses fundos. Daí o fato de as verbas, efetivamente, aumentarem bastante na área de ciência e tecnologia, e vão aumentar progressivamente nos anos vindouros, porque, realmente, sentamos aí fundamentos para um crescimento continuado.

Não houve, portanto, obra de acaso. Houve decisão. Essas decisões têm que ser tomadas, repito, com dificuldade, às vezes, até com dor na alma, porque se gostaria até de atender mais depressa aquilo que é mais próximo de cada um de nós, mas um homem de Estado não pode agir assim. Tem que ter uma avaliação objetiva e ver, dentro dos recursos disponíveis, o que é mais importante para o conjunto da sociedade e para a melhoria futura da sociedade.

Acredito que estamos criando uma sociedade com sementes de maior igualdade de oportunidades, com sementes de maior justiça. Sementes, eu digo, porque é preciso plantar. Outros vão colher. Nós vamos colher, como nação. Nós vamos colher, como nação.

Acho que o fato de os senhores e as senhoras terem continuado a trabalhar, a produzir, a despeito de restrições, é prova de que há compreensão no País para uma estratégia que tem que ser mais global, para que possamos, realmente, avançar de modo equilibrado.

Disse que ia falar pouco. Como tenho saudades de ser professor, quando me pilho falando, continuo falando sempre. Desculpe-me já por ter exagerado, mas termino reiterando, primeiro, a importância dessa Lei de Inovação, agradecendo a iniciativa do Senador Roberto Freire, a iniciativa do Conselho de Ciência e Tecnologia e do Doutor Osiris Silva, que, uma vez, em uma discussão, chamou muito a atenção

para a importância de uma legislação desse tipo, e reafirmando a minha imensa confiança no Brasil e na nossa capacidade de produção científica e tecnológica.

E quero lhes dizer que, se fosse dado aos brasileiros saber mais de perto o que acontece em cada ponto deste país, o que está sendo feito em cada universidade, em cada laboratório, em cada fábrica, ver, como pude ver de perto, o que foi a implantação do Sivam, um órgão que está subordinado, creio, hoje, à Presidência, e que, basicamente, foi feita com a ajuda do Ministério da Aeronáutica, verificar as imensas dificuldades que vão sendo transpostas, pouco a pouco, para que possamos dominar tecnologias que nos são estranhas, e ver que isso se faz, permanentemente, posso lhes dizer que reitero a minha confiança no País.

Como disse, ontem, na CNI, na Confederação Nacional da Indústria, temos no Brasil uma imensa maioria que não é silenciosa, que é operosa, que é diferente. E é nesta que acredito. É esta que está transformando o Brasil. E os senhores fazem parte desse rol de pessoas que transformam o Brasil.

Muito obrigado.